

temporada 2023  
16ª edição

# DARCOS



# PROGRAMA

## A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

**20 JANEIRO** / sexta-feira / 21h30  
COLISEU DE LISBOA

**22 JANEIRO** / domingo / 17h00  
TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

**27 JANEIRO** / sexta-feira / 21h30  
COLISEU DO PORTO

**29 JANEIRO** / domingo / 17h00  
CENTRO OLGA CADAVAL, SINTRA

## EUROPA SINFÓNICA ORQUESTRA DA ÓPERA ESTATAL DA HUNGRIA

**2 MARÇO** / quinta-feira / 19h30  
EIFFEL ARTS STUDIOS  
Budapeste (Hungria)

**8 MARÇO** / quarta-feira / 21h30  
TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

**9 MARÇO** / quinta-feira / 21h00  
AULA MAGNA DA REITORIA  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

## LISBON-KABUL: MUSIC ITINERARIES OF WONDER

Fados, música tradicional afegã, e duas  
canções em estreia de Miguel Amaral (n. 1982)  
e Nuno Côrte-Real (n. 1971)

**4 ABRIL** / terça-feira / 21h30  
CENTRO PASTORAL, Torres Vedras

**5 ABRIL** / quarta-feira / 21h00  
TEATRO MARIA MATOS, Lisboa

## VICENTE ALBEROLA & ENSEMBLE DARCOS

**29 ABRIL** / sábado / 19h00  
Música na Universidade  
ANFITEATRO CHIMICO,  
MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA  
NATURAL E DA CIÊNCIA, Lisboa

**30 ABRIL** / domingo / 17h00  
QUINTA DA ALMIARA, Torres Vedras

## LAGARTO PINTADO

Cancioneiro Tradicional Infantil Português  
com história de Silvia Abreu

**1 JUNHO** / quinta-feira / 19h30  
Música na Universidade

SALÃO NOBRE DA REITORIA  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

**3 JUNHO** / sábado / 16h00  
MUSEU DO DINHEIRO, Lisboa

## FLORBELA PORTER

Lançamento de CD  
Coprodução entre Festival Estoril Lisboa  
e Temporada Darcos

**23 JUNHO** / sexta-feira / 21h30  
SALÃO NOBRE DA ACADEMIA  
DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

**24 JUNHO** / sábado / 17h00  
ADEGA COOPERATIVA DE SÃO MAMEDE  
DA VENTOSA, Torres Vedras

## LISBON-KABUL: MUSIC ITINERARIES OF WONDER

Fados, música tradicional afegã, e duas  
canções em estreia de Miguel Amaral (n. 1982)  
e Nuno Côrte-Real (n. 1971)

**12 JULHO** / quarta-feira / 21h30  
Festival ao Largo  
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS, Lisboa

## PRÉMIO INTERNACIONAL DE COMPOSIÇÃO DARCOS

**14 JULHO** / sexta-feira / 21h30  
ÁTRIO DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE TORRES VEDRAS

## ESTÁGIO ORQUESTRAL DARCOS / CONSERVATÓRIO NACIONAL

**8 SETEMBRO** / sexta-feira / 21h00  
SALÃO NOBRE DA REITORIA  
DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

## 24 ESTUDOS PARA GUITARRA PORTUGUESA

Com apresentação do Método  
para Guitarra Portuguesa de Ricardo Rocha

**16 SETEMBRO** / sábado / 21h30  
ESPAÇO DARCOS, Torres Vedras

## FOLIAS

**30 SETEMBRO** / sábado / 21h30  
TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

**1 OUTUBRO** / domingo / 16h00  
CCC, Caldas de Rainha

## EUROPA SINFÓNICA ORQUESTRA DA TOSCANA, *Itália*

**7 OUTUBRO** / sábado / 21h00  
SALA FESTA MANIFATTURA TABACCHI  
Florença (Itália)

**12 OUTUBRO** / quinta-feira / 21h30  
TEATRO-CINE TORRES VEDRAS

**13 OUTUBRO** / sexta-feira / 21h00  
AULA MAGNA DA REITORIA  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

## SÉRGIO CAROLINO & ENSEMBLE DARCOS

**17 NOVEMBRO** / sexta-feira / 21h30  
AUDITÓRIO DO CAC, Torres Vedras

**18 NOVEMBRO** / sábado / 19h00  
Música na Universidade  
ANFITEATRO CHIMICO  
Museu Nacional de História Natural  
e da Ciência, Lisboa

## NAS ASAS DO INDEFINIDO

Jazz, canções originais, fado e clássicos ocidentais

**8 DEZEMBRO** / sexta-feira / 21h30  
TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

**9 DEZEMBRO** / sábado / 21h30  
CINE-TEATRO DE ALCOBAÇA

## ARTE SEM LIMITES

Workshop musical para portadores  
de deficiência visual e amblíopes

**21 e 22 OUTUBRO**  
ESPAÇO DARCOS, Torres Vedras

Novo interface de leitura de música para cegos  
e amblíopes baseado na ecolocalização,  
permitindo a improvisação e a música de câmara

## MASTERCLASSES

**24 e 25 ABRIL**  
ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA  
Vicente Alberola, **clarinete**

**19, 20 e 21 JUNHO**  
CONSERVATÓRIO NACIONAL DE LISBOA  
Lara Martins, **canto teatro musical**

**4 e 5 SETEMBRO**  
CONSERVATÓRIO NACIONAL DE LISBOA  
Telmo Costa, **clarinete**

**13 e 14 NOVEMBRO**  
ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA  
Sérgio Carolino, **tuba**

informação em  
temporadadarcos.com  
cm-tvedras.pt/teatro-cine

# A UNIÃO PELA MÚSICA

Nesta nova edição da Temporada Darcos, propomo-nos seguir a linha que tem norteado as temporadas anteriores: grande música, grandes intérpretes, mas procurando sempre pontos de contacto entre diferentes tradições, privilegiando o ecletismo e a inclusão. Por isso, desta vez escolhemos o lema da união pela música. Num mundo ainda muito desunido, dividido pelas políticas, pelas religiões, pelas desigualdades e pelos abomináveis racismos, cabe à arte proclamar bem alto que o único futuro sustentável é o da união. A união pela paz, pelo amor, pelo planeta e pela liberdade. A união dos povos. Nós e os outros, duas realidades diferentes, mas na utopia que desejamos para o mundo as diferenças esbatem-se e convergem numa única realidade. É com esta convicção que a Temporada Darcos apresenta o seu projeto de fusão entre o *fado* e a *música tradicional afegã*, através da colaboração entre o Ensemble Darcos e o ANIMP (Afghan National Institute of Music), com o fadista Marco Oliveira e o guitarrista Miguel Amaral. Segundo o mentor e diretor do ANIMP, Dr. Ahmad Sarmast, dezenas de jovens estudantes afegãos fugiram ao terrível regime Talibã, viajando 6.592 quilómetros para poderem ter um futuro, e para que a música tradicional afegã pudesse sobreviver. Parece-nos triste e paradoxal que uma tradição milenar necessite do exílio para garantir a sua existência e preservação... Também sob a égide da união, e visando criar pontes culturais de índole humanista, o mais ambicioso projeto da Temporada Darcos, *Europa Sinfónica*, será finalmente retomado (em suspenso desde 2020 devido aos anos de pandemia), com a primeira visita a Portugal da Orquestra da Ópera Estatal da Hungria, um dos mais antigos e prestigiados agrupamentos musicais europeus, e com a Orquestra da Toscana, instituição capital daquela região

italiana, com sede em Florença. Estes dois programas terão como solistas os aclamados artistas portugueses António Rosado e Eduarda Melo. O ano de 2023 verá ainda nascer o projeto *Folias*, terceiro livro da série para coro e instrumentos, *Novíssimo Cancioneiro*, de Nuno Côrte-Real, desta vez inteiramente dedicado às danças portuguesas, repertório rico e variado que é mister revitalizar com vista a uma maior presença artística no panorama contemporâneo. De destacar, por último, a estreia do projeto de fusão estética entre o jazz e o clássico, *Nas asas do indefinido*, com o Ensemble Darcos e a internacional cantora portuguesa Maria Mendes, procurando caminhos de fusão e descoberta entre aqueles dois mundos distintos. Podíamos projetar neste último projeto musical, como exercício para as nossas próprias vidas, o caminho que a humanidade parece cada vez mais estar a necessitar: tomar o oposto, o contrário, o aparentemente inconciliável, e conciliá-los; entender as diferenças, aceitar as distinções, compreender as essências, e num desejo sincero de harmonia, conceber um horizonte onde a natureza *varia* do Homem possa existir pacificamente e sem mácula. Utopia, nunca te esqueceremos!

Nuno Côrte-Real

## “A CULTURA É O GRANDE OBSERVATÓRIO DO HUMANO”

*José Tolentino Mendonça (2021)*

Na sua 16ª edição, a Temporada Darcos propõe um programa artístico que elege “A união pela música” como impulso e horizonte. Longe de constituir um *cliché* semanticamente esvaziado pela repetição, a afirmação prefigura um manifesto pelo direito a construir uma nova narrativa do futuro.

A Temporada Darcos enraíza-se num movimento cultural agregador de matriz cosmopolita que promove o encontro entre “diversidades”, aprofundando o diálogo, a cooperação e a participação cidadã. Repousa na profunda convicção de que as Artes e a Cultura – conceito poliédrico – devem assumir um papel central e não ornamental no âmago de qualquer projeto de desenvolvimento territorial. Ao longo da sua trajetória, um sistema capilarizado de relações tem sido delicadamente tecido, dirimindo distâncias entre instituições, coletivos artísticos e comunidades. Na sua dimensão processual, a Temporada Darcos concorre para a edificação de uma ecologia de práticas colaborativas que, assentes na mutualização de experiências, conhecimentos e competências, aportam inovação e abrem caminho a diálogos fecundos materializados em projetos comuns.

Enquanto movimento fortemente comprometido com a educação, inequívoca

alavanca de transformação, a Temporada Darcos tem contribuído para salvaguardar a acessibilidade a um património artístico em permanente (re) criação e avigorar a literacia musical de uma “vasta maioria”.

A música, na sua pluralidade de expressões, é um universal de cultura, uma linguagem de convergência que nos projeta num espaço identitário partilhado. Em tempos marcados pelo desencanto, incerteza, fragmentação, dissolução e insularidade, a música, mais do que uma experiência salvática, hiperbolicamente escapista, ou de estrita e efémera fruição estética, oferece a possibilidade de pensar novas formas de habitar o mundo, de ousar outras vidas em comum.

*Ana Umbelino*



© Viola Jaecker

## **HENRIQUE FIGUEIREDO**

**1967-2022**

Colaborador da Temporada Darcos desde a sua criação, foi sempre um profissional generoso e dedicado, para além de um fiel amigo. Deixou-nos trágica e inesperadamente, demasiado cedo... Aqui fica a nossa homenagem, com saudade.

# A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

**20 JANEIRO** / sexta-feira / 21h30  
COLISEU DE LISBOA

**22 JANEIRO** / domingo / 17h00  
TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

**27 JANEIRO** / sexta-feira, / 21h30  
COLISEU DO PORTO

**29 JANEIRO** / domingo / 17h00  
CENTRO OLGA CADAVAL, Sintra

Certas obras, pela sua importância fulcral no contexto de uma linguagem artística, costumam ter por epíteto “há um antes e um depois”. Nada na música ocidental e no *ballet* seria o mesmo depois da estreia d’*A Sagração da Primavera*, a 29 de maio de 1913, em Paris. De um lado a música de Stravinsky, explosiva ruptura com os cânones da composição, tendo, contudo, na base, canções populares lituanas, o que confere uma unidade idiomática nem sempre perceptível. Do outro, a inovadora coreografia de Nijinsky para os Ballets Russes, contrariando as dramaturgias convencionais, em movimentos de uma intensidade física e emocional sem paralelo. O bailado, dividido em duas partes, *A Adoração da Terra* e *O Grande Sacrifício*, narra a história de um ritual tribal onde uma jovem deve ser sacrificada, como oferenda ao deus da primavera. Curiosamente, a estreia de Nijinsky no campo da coreografia ocorreria um ano antes, em 1912, com a obra *Prelúdio à l’après-midi d’un faune*, de Debussy. Para muitos, o início do Modernismo musical, esta é a obra mais famosa do compositor, que a escreveu entre 1891 e 1894. Baseado no poema homónimo de Stéphane Mallarmé (1842-1898), onde encontramos um fauno ao despertar num fim-de-tarde, e as suas reminiscências de encontros amorosos com ninfas, são as sugestões e evocações de sensações que Debussy procura plasmar, ao invés da expressividade romântica então em voga. Dois temas melódicos trespassam o prelúdio: um, sinuosamente cromático, confiado à flauta, e outro, liricamente expressivo, nos instrumentos de corda.

**S. Azevedo** (n.1968)  
Sinfonietta Semplice

**C. Debussy** (1862 - 1918)  
Prelúdio à sesta de um fauno

**I. Stravinski** (1882 - 1971)  
*A Sagração da Primavera*  
I. *Adoração da Terra*  
II. *O Sacrifício*

Claudia Martins e Rafael Carriço,  
**coreografia**

VORTICE DANCE COMPANY

Nuno Côrte-Real  
**direção musical**

ORQUESTRA SINFÓNICA  
DA ESMAE



## EUROPA SINFÓNICA

### ORQUESTRA DA ÓPERA ESTATAL DA HUNGRIA

**2 MARÇO** / quinta-feira / 19h30  
EIFFEL ARTS STUDIOS  
Budapeste, Hungria

**8 MARÇO** / quarta-feira / 21h30  
TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

**9 MARÇO** / quinta-feira / 21h00  
AULA MAGNA DA REITORIA  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

A Orquestra da Ópera Estatal da Hungria, fundada por Ferenc Erkel (1810-1893), é um dos raros agrupamentos europeus com mais de 180 anos de existência contínua, tendo contado, entre outros, com os míticos Gustav Mahler (1860-1911) e Otto Klemperer (1885-1973) como maestros titulares. A sua presença entre nós é enriquecida por António Rosado, figura maior do universo musical português, pela sua versatilidade, domínio técnico e delicadeza interpretativa. Escrito a 8 de março de 1914, e publicado no ano seguinte, no segundo e derradeiro número da revista *Orpheu*, o poema *Chuva Oblíqua* de Fernando Pessoa é o ponto de partida para o op.45 de Nuno Côrte-Real. A languidez *spleen* que percorre a VI parte do poema, assim como as vívidas memórias de uma infância evocada, são assumidas, musicalmente, por um conjunto de cores de pendor expressionista. Piano e orquestra, ora dialogam ora se confrontam, numa sucessão de ambientes quase hipnóticos. Entre junho e agosto de 1778, Mozart escreveria, de um rasgo só, um monumental tríptico sinfónico profundamente contrastante: as sinfonias n.º 39, 40 e 41.

**N. Côrte-Real** (n. 1971)

Todo o Teatro é um Muro Branco de Música, op. 45

**W. A. Mozart** (1756 - 1791)

Sinfonia n.º 40, em Sol menor, K. 550

**L. van Beethoven** (1770 - 1827)

Concerto para Piano e Orquestra em Mi bemol Maior, op. 73, "Imperador"

*I. Allegro*

*II. Adagio un poco mosso*

*III. Allegro ma non troppo*

António Rosado / **piano**

Nuno Côrte-Real / **direção musical**

ORQUESTRA DA ÓPERA  
ESTATAL DA HUNGRIA

Notável pela sua intensidade emocional quase trágica (não por acaso, seria a sinfonia de Mozart mais tocada durante o período Romântico), e dotada de um aparato melódico-harmónico igualmente lânguido, a sinfonia n.º 40 é uma das páginas mais inspiradas da produção mozartiana. Escrito entre 1808-09, o concerto para piano op.73 é a apoteose de um período criativo de Beethoven designado por Heroico. Assim como a sinfonia n.º3 (composta entre 1802-04) mudaria a percepção do que podia ser uma sinfonia, o concerto n.º 5 rasga, em definitivo, o modelo clássico, tornando-se na referência para a geração romântica que se seguiria. A introdução virtuosa do piano conduz a uma longa exposição da orquestra, seguindo-se um luxuriante diálogo entre as duas forças. Por muitos considerada como a mais lírica das composições de Beethoven, o 2º andamento apresenta uma melodia em jeito de noturno. Os ambientes indizíveis, de uma ternura musical desarmante, conduzem ao esfuziante rondo final. Uma crítica de meados do séc. XIX, resumiria de forma lapidar "o mais original, mais inventivo, mais eficaz e mais difícil de todos os concertos".





## LISBON-KABUL: MUSIC ITINERARIES OF WONDER

**4 ABRIL** / terça-feira / 21h30  
CENTRO PASTORAL, Torres Vedras

**5 ABRIL** / quarta-feira / 21h00  
TEATRO MARIA MATOS, Lisboa

**Fados, música tradicional afegã,  
e duas canções em estreia  
de Miguel Amaral (n. 1982)  
e Nuno Côrte-Real (n. 1971)**

Marco Oliveira

**voz**

Miguel Amaral

**guitarra portuguesa**

Nuno Côrte-Real

**direção musical e apresentação**

ENSEMBLE DARCOS

ANIMP - Instituto Nacional de Música  
do Afeganistão

Süse Ribeiro

**desenho de som**

Fundado em 2008, o Afghanistan National Institute of Music (ANIMP) tem-se notabilizado por um trabalho contínuo na salvaguarda e transmissão do património musical afegão, bem como na promoção de igualdade de género, de que se destaca a orquestra Zohra, composta por 35 mulheres. Quando, a 15 de agosto de 2021, se deu a queda de Cabul, a música foi proibida pelo regime Talibã. Coube a Portugal acolher 273 refugiados, dentre os quais alunos e professores do ANIMP. Este ato, de uma relevância transcendente, que não acolheu a devida atenção da sociedade civil portuguesa, permitiu salvar não apenas vidas humanas (especialmente de jovens raparigas) mas também uma tradição musical ameaçada. A identidade cultural de um povo assenta, entre outros matizes, na forma como se expressa musicalmente. Ainda que marcada pela proximidade com a Índia, e as suas seculares tradições musicais, a música afegã soube desenvolver um idioma próprio, fulgurante nas matizes diferenciais, que despertou a atenção de muitos além-fronteiras. Acresce que o seu impacto junto das gerações mais novas afegãs foi decisivo para agilizar um diálogo intergeracional e para a integração da mulher numa sociedade profundamente opressiva e tradicionalmente patriarcal. Nesta interseção entre tradições musicais, entre idiomas diferentes, nasce um diálogo intercultural, um itinerário que partindo da música enquanto linguagem comum a todos os povos, desemboca na maravilha deste encontro a várias mãos. Por entre o tanger de *rubabs*, *domburas* e *ghijaks* (instrumentos de corda afegãos) escutaremos duas obras em estreia: um fado de Miguel Amaral (n. 1982), jovem solista da guitarra portuguesa e uma canção de Nuno Côrte-Real (n. 1971), escrita aos 19 anos, num “momento de trovador *punk*”, segundo palavras do próprio.



## VICENTE ALBEROLA & ENSEMBLE DARCOS

**29 ABRIL** / sábado / 19h00

Música na Universidade  
ANFITEATRO CHIMICO,  
MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA  
NATURAL E DA CIÊNCIA, Lisboa

**30 ABRIL** / domingo / 17h00

QUINTA DA ALMIARA, Torres Vedras

### **A. Glazunov** (1865 - 1936)

Cinco Novelletes, suite para  
quarteto de cordas, op. 156

*I. Allegretto alla Spagnuola*

*II. Allegro con brio*

*III. Andante "interludium in modo  
antico"*

*IV. Allegretto*

*V. Allegretto all'Ungharese*

### **S. Ross** (n. 1989)

Quarteto de Cordas

**- estreia absoluta -  
encomenda Ensemble Darcos**

### **J. Brahms** (1833 - 1897)

Quinteto para clarinete e cordas,  
em Si menor, op. 115

*I. Allegretto*

*II. Adagio*

*III. Andantino*

*IV. Finale: Con moto*

Vicente Alberola é um dos músicos mais conceituados da sua geração. Clarinetista dotado de qualidades interpretativas únicas, o primeiro solista da prestigiada Mahler Chamber Orchestra tem vindo a afirmar-se, em anos recentes, como maestro, particularmente no domínio da ópera. Considerado como o pioneiro da música de câmara russa, Alexander Glazunov (1865-1936) dedicou uma parte importante do seu alento compositivo a este género. As *Cinco Novelletes*, op.156, foram escritas em 1885 para as famosas noites musicais do magnata Mitrofan Belyayev (1836-1904), onde a elite intelectual de São Petersburgo se reunia todas as sextas-feiras. Ainda que Glazunov não as tenha concebido como um todo, o sucesso obtido junto do público levou a que o compositor as publicasse em forma de suite para quarteto de cordas. Natural da ilha de São Miguel, Sara Ross (n. 1989) é uma artista de enorme ecletismo, onde às suas capacidades musicais como compositora se acresce a encenação e o compromisso com projetos artísticos socialmente inclusivos. Este ecletismo revela-se, igualmente, numa linguagem musical profundamente lírica, envolta numa paleta harmónica feérica. O seu Quarteto de Cordas, em estreia absoluta, resulta de uma encomenda do Ensemble Darcos. Fascinado com as qualidades musicais do clarinetista Richard Mühlfeld (1865-1907), Johannes Brahms (1833-1897) viria a escrever no verão de 1891, em Bad Ischl, duas obras fundamentais do repertório para clarinete, o trio op.114 e o quinteto op.115. Este último seria estreado a 24 de novembro de 1891, em Meiningen, por Mühlfeld e pelo Quarteto Joachim, liderado pelo insigne violinista Joseph Joachim (1831-1907), amigo íntimo de Brahms. Dividido em 4 andamentos, de pendor acentuadamente retrospectivo e melancólico, o quinteto op.115 seria uma das últimas obras instrumentais escrita pelo compositor.

Vicente Alberola / **clarinete**  
ENSEMBLE DARCOS

# LAGARTO PINTADO

Cancioneiro Tradicional Infantil  
Português com história de Silvia Abreu

**1 JUNHO** / quinta-feira / 19h30

Música na Universidade

SALÃO NOBRE DA REITORIA  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

**3 JUNHO** / sábado / 16h00

MUSEU DO DINHEIRO, Lisboa

Vários compositores

**A. Delgado** (n. 1965)

Trio Camoniano

**N. Côrte-Real** (n. 1971)

Cancioneiro Infantil

“Lagarto Pintado”,

op. 48

Diana Vaz

interpretação

Catarina Rôlo Salgueiro

concepção cénica

Erica Mandillo

maestrina do coro

Nuno Côrte-Real

direção musical

CORO PREPARATÓRIO DO CIUL

ENSEMBLE DARCOS

Dos versos de Luís Vaz de Camões (c.1524-c.1580) ao cancionero tradicional do universo infantil português parece vislumbrar-se um fosso intransponível. De um lado, a erudição clássica do poeta, mergulhado na melancolia do seu triste fado. Do outro, singelas rimas populares. Mas se em cada criança há um poeta, todos os poetas foram crianças. E nesta dupla evocação erradica um dos traços mais recorrentes da condição humana, o assomo da inocência infantil perante o difícil balanço do que se fez e ficou por fazer. Resultado de uma encomenda do Trio Pangea a Alexandre Delgado (n.1965), o Trio Camoniano viria a ser estreado na Casa da Música, Porto, a 27 de fevereiro de 2018. O título da obra advém de cada andamento ter como subtítulo um dolente verso de Camões: 1º *Com que voz chorarei meu triste fado*; 2º *Erros meus, má fortuna, amor ardente*; 3º *Memória do meu bem cortado em flores*. Composto em 2015 por Nuno Côrte-Real (n. 1971), o Cancioneiro Infantil *Lagarto Pintado*, op.48, assume-se como uma viagem pelo imaginário musical de muitos dos ouvintes, uma pequena fábula que deriva, qual mote, dos textos das diversas melodias convocadas. Numa sucessão luxuriante de ambientes musicais elegantemente entrelaçados, surge o ostinato gaiteiro de *A Caminho de Viseu* vagamente barroco, e os motivos ondulante de *Que Linda Falua* acenam à memória o idílico trio mozartiano *Soave sia il vento*. Presentem-se ecos do lirismo schubertiano, particularmente nas introduções de *Josezito*, *Ó Oliveira da Serra* e *Machadinha*, ao que se vem juntar a inspirada *Abertura-Final*. A dar vida a esta obra, com concepção cénica de Catarina Rolo Salgueiro e implementação do projecto de Diana Vaz, encontraremos o Coro Infantil da Universidade de Lisboa. Fundado em 2005 por Erica Mandillo, tem sido reconhecido, internacionalmente, pela qualidade e originalidade do trabalho que desenvolve, associando o movimento e o gesto teatral a uma vocalidade impoluta.



# FLORBELA PORTER -

## LANÇAMENTO DE CD

coprodução entre Festival Estoril Lisboa e Temporada Darcos

**23 JUNHO** / sexta-feira / 21h30  
SALÃO NOBRE DA ACADEMIA  
DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

**24 JUNHO** / sábado / 17h00  
ADEGA COOPERATIVA DE SÃO  
MAMEDE DA VENTOSA  
Torres Vedras



O *vintage* está na moda, sem ponta de nostalgia. Entre diversas formas de expressão artística, poesia e música (nas suas múltiplas cambiantes), surgem e desvanecem-se, no turbilhão do consumismo e de uma mera fruição estética. Ocasionalmente, antigos êxitos, pulsares distantes, sensibilidades angulosas, reaparecem em todo o seu esplendor. Não que alguma vez tivessem sido obliterados da memória, mas

saltam da exclusividade de círculos restritos diretamente para o palco *mainstream*. Figuras maiores da cultura ocidental da primeira metade do séc. XX, Cole Porter (1891-1964), George Gershwin (1898-1937) e Florbela Espanca (1894-1930) notabilizaram-se por criar uma voz própria que ecoou no íntimo das gerações seguintes. Nem sempre acarinhados, irromperam de um aparente esquecimento, com redobrado fulgor, em sucessivas redescobertas e benéficas apropriações. Numa coprodução entre o Festival Estoril Lisboa e Temporada Darcos, ouviremos algumas das suas obras maiores, em que a canção, enquanto veículo da palavra, da poesia e dos sentimentos aí plasmados, é o mote. Escrito em 2012, o *Livro de Florbela*, op.42, de Nuno Côrte-Real (n. 1971), revisita sete dos sonetos mais inflamados da poetisa de origem alentejana. Num registo de tremendo lirismo musical, vemos sublinhado o *pathos* que percorre o sentido das palavras. Solidão, tristeza, saudade, desejo e morte refulgem num ambiente de grande intimidade (para a qual concorre a delicada instrumentação, violino, viola, violoncelo e piano), bem como a inconformidade sufocante das palavras, transfiguradas em música. Num registo diferente, mas não menos poético, chegam-nos duas canções que o tempo elevou à condição de obras-primas, *Summertime* e *Bess, you is my woman now* da ópera *Porgy and Bess* (1935) de Gershwin, compositor que se notabilizou por cruzar (quase de forma inédita) os idiomas populares, jazz e erudito, numa simbiose inspirada que marcou, em definitivo, o curso da História. Dotado de uma inspiração invulgar, Cole Porter foi um dos compositores mais dotados da Broadway e algumas das suas melodias perduraram muito para além do seu tempo. As oito canções hoje em concerto têm arranjo de Côrte-Real, num exercício de cruzamento de referências estéticas e revestidas de um panejamento vincadamente erudito.

### **N. Côrte-Real** (n. 1971)

Livro de Florbela, op. 42

*I. Exaltação*

*II. Árvores*

*III. Os versos que te fiz*

*IV. Este livro*

*V. Num postal*

*VI. Cinzento*

*VII. À Morte*

### **G. Gershwin** (1898 - 1937)

*Summertime*

*Bess, you is my woman now*

### **C. Porter** (1891 - 1964)

**Canções** (arr. Nuno Côrte-Real)

*I. Night and day*

*II. You do something to me*

*III. Ev'ry time we say goodbye*

*IV. I love Paris*

*V. Let's do it*

*VI. Get out of town*

*VII. From this moment on*

*VIII. In the still of the night*

Lara Martins e Eduarda Melo

**sopranos**

Nuno Côrte-Real

**direção musical**

ENSEMBLE DARCOS

# LISBON-KABUL: MUSIC ITINERARIES OF WONDER

12 JULHO / quarta-feira / 21h30

Festival ao Largo

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS  
Lisboa

Fados, música tradicional afegã e duas  
canções em estreia de Miguel Amaral  
(n. 1982) e Nuno Côrte-Real (n. 1971)

Fundado em 2008, o Afghanistan National Institute of Music (ANIMP) tem-se notabilizado por um trabalho contínuo na salvaguarda e transmissão do património musical afegão, bem como na promoção de igualdade de género, de que se destaca a orquestra Zohra, composta por 35 mulheres. Quando, a 15 de agosto de 2021, se deu a queda de Cabul, a música foi proibida pelo regime Talibã. Coube a Portugal acolher 273 refugiados, dentre os quais alunos e professores do ANIMP. Este ato, de uma relevância transcendente, que não acolheu a devida atenção da sociedade civil portuguesa, permitiu salvar não apenas vidas humanas (especialmente de jovens raparigas) mas também uma tradição musical ameaçada. A identidade cultural de um povo assenta, entre outros matizes, na forma como se expressa musicalmente. Ain-

da que marcada pela proximidade com a Índia, e as suas seculares tradições musicais, a música afegã soube desenvolver um idioma próprio, fulgurante nas matizes diferenciais, que despertou a atenção de muitos além-fronteiras. Acresce que o seu impacto junto das gerações mais novas afegãs foi decisivo para agilizar um diálogo intergeracional e para a integração da mulher numa sociedade profundamente opressiva e tradicionalmente patriarcal. Nesta intersecção entre tradições musicais, entre idiomas diferentes, nasce um diálogo intercultural, um itinerário que partindo da música enquanto linguagem comum a todos os povos, desemboca na maravilha deste encontro a várias mãos. Por entre o tanger de *rubabs*, *domburas* e *ghijaks* (instrumentos de corda afegãos) escutaremos duas obras em estreia: um fado de Miguel Ama-

ral (n. 1982), jovem solista da guitarra portuguesa e uma canção de Nuno Côrte-Real (n. 1971), escrita aos 19 anos, num “momento de trovador *punk*”, segundo palavras do próprio.

Marco Oliveira

**voz**

Miguel Amaral

**guitarra portuguesa**

Nuno Côrte-Real

**direção musical e apresentação**

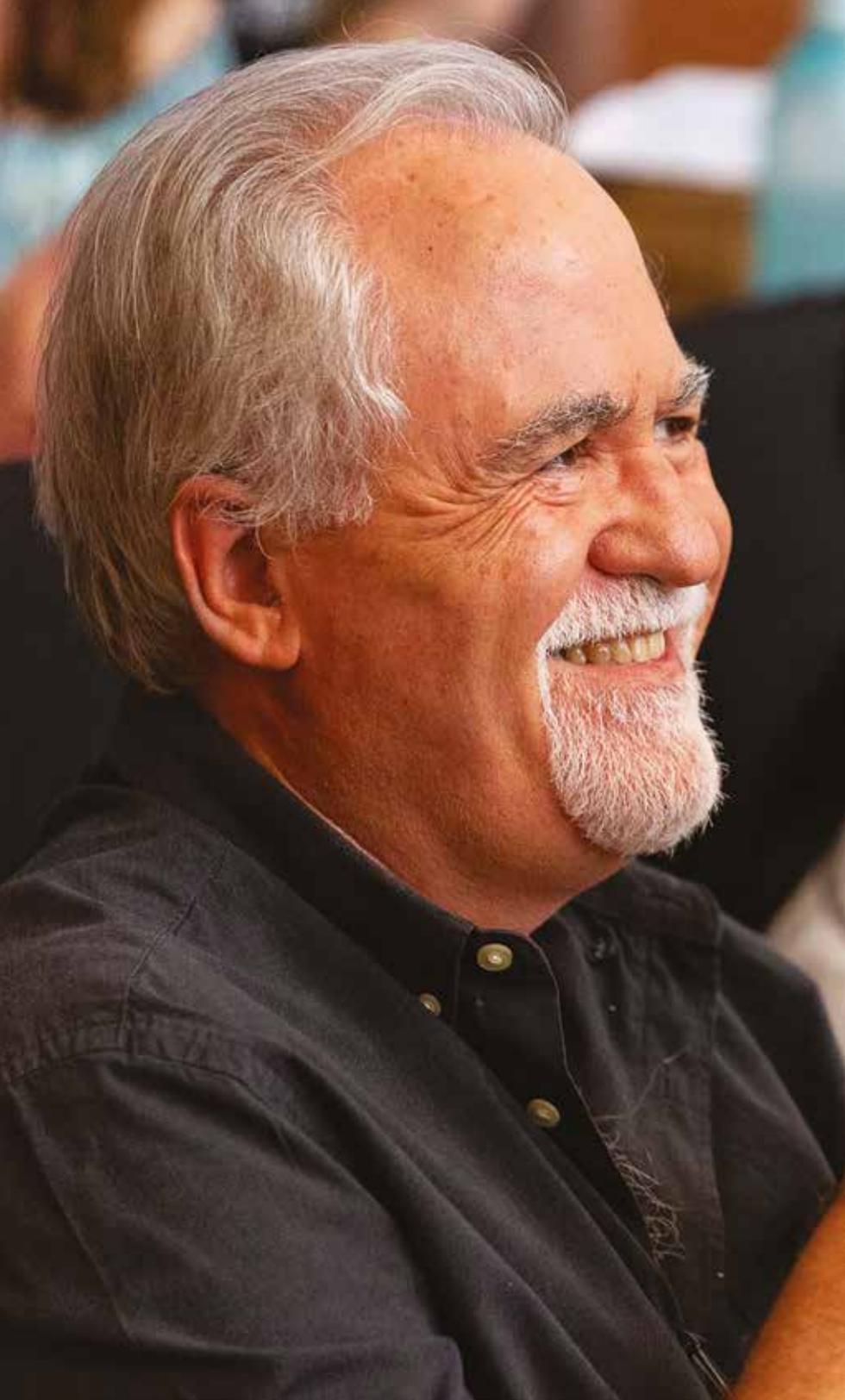
ENSEMBLE DARCOS

ANIMP - Instituto Nacional de Música  
do Afeganistão

Süse Ribeiro

**desenho de som**





# PRÉMIO INTERNACIONAL DE COMPOSIÇÃO DARCOS

**14 JULHO** / sexta-feira / 21h30  
ÁTRIO DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE TORRES VEDRAS

## 2 OBRAS FINALISTAS A CONCURSO

### **C. Debussy** (1862 - 1918)

Sonata nº 2 para flauta, viola  
e harpa

*I. Pastorale*

*II. Interlude*

*III. Finale*

### **E. Carrapatoso** (n. 1962)

Cinco canciones para ensemble  
y voz emocionada

*I. Preludio de la noche*

*II. Canción (primera)*

*III. Rasgos*

*IV. Canción (segunda)*

*V. Pórtico*

A designar

**meio-soprano**

Nuno Côrte-Real

**direção musical**

ENSEMBLE DARCOS

A primeira edição do Prémio Internacional de Composição Darcos é um convite transversal, sem limite de idade ou sequer idioma, à comunidade. Na senda das encomendas a diversos compositores, que têm sido uma constante da Temporada Musical Darcos, o repto é agora lançado a todos os que fazem da composição o seu *métier*. Todas as obras a concurso têm como ponto de partida o mesmo efetivo musical das *Cinco canciones para ensemble y voz emocionada*, op.68, de Eurico Carrapatoso (n. 1962). Estreadas a 13 de novembro de 2015, resultaram de uma encomenda do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, sendo dedicadas à memória de Jorge Peixinho (1940-1995) no vigésimo ano da morte deste insigne compositor. A dolente poesia de Federico García Lorca (1898-1936) ganha uma dimensão elegíaca no lirismo afetuoso desenhado por Carrapatoso. Ao timbre emocionado de um meio-soprano, com as suas matizes vocais contrastantes, desenrola-se um contraponto instrumental emotivo, pleno de carácter, verdadeira poesia sem palavras. Próximo desta ambiência está a sonata para flauta, viola e harpa de Claude Debussy (1862-1918). Em 1914, por sugestão do célebre editor Jacques Durand (1865-1928) iniciou um ciclo de 6 sonatas em homenagem a 6 compositores franceses do séc. XVIII. Contudo, o projeto nunca viria a ser concluído, dada a morte de Debussy em 1918. A segunda das *Six sonates pour divers instruments* foi composta em 1915, em plena I Guerra Mundial e apresenta uma paisagem musical emocionalmente ambígua. Ora melancólica, ora alegre, nebulosa e cintilante, parece sobrevoar um mundo além da emoção. Confrontado com o porquê destes ambientes, Debussy responderia “Não sei dizer se alguém deva rir ou chorar. Talvez os dois ao mesmo tempo?”.



## ESTÁGIO ORQUESTRAL DARCOS / CONSERVATÓRIO NACIONAL

**8 SETEMBRO** / sexta-feira / 21h00  
SALÃO NOBRE DA REITORIA DA  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**W. A. Mozart** (1756 - 1791)

Concerto para Clarinete  
e orquestra, em Lá maior, K. 622

*I. Allegro*

*II. Adagio*

*III. Rondo: Allegro*

**J. Haydn** (1770 - 1827)

Sinfonia n.º 44 em Mi menor, “Luto”

*I. Allegro con brio*

*II. Menuetto e Trio: Allegretto*

*III. Adagio*

*IV. Finale: Presto*

Telmo Costa

**clarinete**

Nuno Côrte-Real

**direção musical**

ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO CONSERVATÓRIO NACIONAL

Os estágios de orquestra são momentos altos na vida de jovens instrumentistas. O processo de pré-seleção, as *masterclasses*, os ensaios intensivos, remetem para uma realidade profissional que os informa e enforma, numa experiência a todos os níveis gratificante. A primeira edição do Estágio Orquestral Darcos - Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa, conta com a presença do jovem clarinetista galardoado Telmo Costa, e as obras em concerto constituem, segundo Côrte-Real, uma “evocação elegíaca por uma época conturbada que nos rodeia”. O *Concerto para Clarinete K.622* foi estreado a 16 de outubro de 1791, em Praga, a escassas semanas da morte de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), tendo sido escrito a pedido de seu amigo Anton Stadler (1753-1812), clarinetista da orquestra imperial de Viena. Ao longo de 3 andamentos (sendo que o 2º foi imortalizado na banda sonora do filme *África Minha*), Mozart dá testemunho da felicidade e tristeza, de esperança e resignação, da percepção de que, muitas vezes, tais estados não representam polaridades distintas mas aspetos simultâneos de uma verdade mais profunda. Obra-prima da construção e retórica musical, com um discurso de grande impulso emotivo, a *Sinfonia n.º44* de Joseph Haydn (1770-1827) foi escrita entre 1770-1771, para a corte de Esterházy, da qual era mestre de capela. Insere-se no movimento artístico designado por *Sturm und Drang*, que se manifestou no domínio da música pelo uso de tonalidades menores, dissonâncias, cromatismos e por uma apetência por dinâmicas contrastantes, assim obtendo mudanças drásticas de ambientes e crescendos de intensidade até então inauditos. Este movimento lançaria a base para a concepção romântica da sinfonia no séc. XIX enquanto drama musical.



## 24 ESTUDOS PARA GUITARRA PORTUGUESA

Com apresentação do Método para  
Guitarra Portuguesa de Ricardo Rocha

**16 SETEMBRO** / sábado / 21h30  
ESPAÇO DARCOS, Torres Vedras

**R. Rocha** (n. 1974)

Apresentação do Método  
para Guitarra Portuguesa

**M. Amaral** (n. 1982)

24 Estudos para guitarra  
Portuguesa

Há muito que havia urgência em criar um método para guitarra portuguesa. Os conteúdos nesta área da técnica são praticamente inexistentes e o ensino do instrumento continua a basear-se essencialmente na abordagem do repertório existente, cuja maior parte não está escrita nem transcrita. Assim, surgiu a necessidade de sistematizar e documentar o conhecimento adquirido ao longo de anos de estudo do instrumento, através da abordagem do repertório tradicional mas, sobretudo, fruto do confronto com dificuldades técnicas provenientes quer da incursão por repertório novo escrito ou transcrito para o instrumento, quer da composição de novas obras para guitarra portuguesa. Este novo método é constituído por três livros. O primeiro, escrito por Ricardo Rocha, intitulado *Ou aof Position*, é um livro de escalas e arpejos, em todas as tonalidades, com a extensão de três oitavas. Os restantes dois, escritos por Miguel Amaral, são um livro de pequenos estudos e exercícios avulsos e um livro de vinte e quatro estudos para guitarra portuguesa, em todas as tonalidades, que, apesar de terem como objetivo a superação de dificuldades técnicas específicas, pretendem ter um interesse musical que permita a sua abordagem como peças de concerto.

Miguel Amaral  
**guitarra portuguesa**

# FOLIAS

Danças tradicionais portuguesas  
revisitadas

**30 SETEMBRO** / sábado / 21h30  
TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

**1 OUTUBRO** / domingo / 16h00  
CCC, Caldas de Rainha

**N. Côrte-Real** (n. 1971)

Folias (*Novíssimo Cancioneiro* -  
- *Livro Terceiro*)  
**estrela absoluta**

Longe vão os tempos em que a *Política do Espírito* de António Ferro (1895-1956) produziu uma imagem idealizada da arte popular ao serviço propagandístico do Estado Novo, enfatizando a pretensa unidade identitária de um universo rural matizado. Ao longo das últimas décadas, a música e a dança, enquanto *expressões da alma*, representando a identidade social de uma comunidade, em ambientes marcados pela pobreza, idiosincrasias do universo masculino e feminino, interpenetração do sacro e do profano, exclusivamente assentes na tradição oral, foram sendo expostas à permanente mutação e recriação. Este fenómeno, que se convencionou chamar de *cosmopolitismo*, parte da *tradição*, enquanto legado imaterial transmitido, respeitado mas mutável, *identidade* e *autenticidade*, enquanto genuíno e inalterado. Assim, muitos foram os compositores que convo-

caram discursos musicais externos, conferindo uma dimensão superlativa a este património identitário. Depois do *Livro Primeiro*, op.12 (versando sobre repertório de norte a sul do país e, ainda, da Galiza) e do *Livro Segundo*, op.57 (integralmente dedicado ao cante alentejano da cidade de Serpa), chega-nos, em estreia absoluta, o *Livro Terceiro* do *Novíssimo Cancioneiro* de Nuno Côrte-Real (n. 1971), dedicado a danças tradicionais portuguesas. Partindo da *Folia*, dança presumivelmente de origem ibérica, cuja primeira referência surge pela mão do dramaturgo Gil Vicente (fl. 1465-1536), Côrte-Real revisita o fandango, a chula, a chotiça, e tantas outras que configuram-se como exemplares do pulsar tradicional português. Narrativa abstrata e não linear, este *Livro Terceiro* procura uma dinâmica musical em que a palavra assume-se como veículo ex-

pressivo da fonética ganhando uma dimensão percussiva. Igualmente, teremos o Coro Ricercare e o Ensemble Darcos, numa parceria que ao longo dos anos tem-se revelado frutífera, e a quem devemos a estreia e gravação dos livros *Primeiro* e *Segundo*.

Nuno Côrte-Real

**arranjos e direção musical**

Pedro Teixeira

**maestro do coro**

CORO RICERCARE  
ENSEMBLE DARCOS



# EUROPA SINFÓNICA ORQUESTRA DA TOSCANA

Itália

**7 OUTUBRO** / sábado / 21h00  
SALA FESTA MANIFATTURA  
TABACCHI  
Florença, Itália

**12 OUTUBRO** / quinta-feira / 21h30  
TEATRO-CINE TORRES VEDRAS

**13 OUTUBRO** / sexta-feira / 21h00  
AULA MAGNA DA REITORIA  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

**N. Côrte-Real** (n. 1971)  
*Songs of Love and Nature*

**H. Berlioz** (1803 - 1869)

*Les nuits d'été*, op. 7

I. Villanelle

II. *Le Spectre de la Rose*

III. *Sur les lagunes: lamento*

IV. *Absense*

V. *Au cimetière: Claire de lune*

VI. *L'île inconnue*

**L. van Beethoven** (1770 - 1827)

Sinfonia nº 8 em Fa Maior, op. 93

I. *Allegro vivace e con brio*

II. *Allegretto scherzando*

III. *Tempo di minuetto*

IV. *Allegro vivace*

Eduarda Melo

**soprano**

Nuno Côrte-Real

**direção musical**

ORQUESTRA DA TOSCANA

O programa deste concerto tem um irresistível toque a uma suave brisa de verão. E que melhores intérpretes para esse deleite contido do que a Orquestra da Toscana, fundada em Florença em 1980, e o soprano Eduarda Melo com a sua voz expressiva e quente? De Nuno Côrte-Real (n. 1971) ouviremos *Songs of Love and Nature*, op.42C, um arranjo para orquestra de cordas de 3 canções originais do *Livro de Florbela*, op.42, I. *Exaltação*, III. *Os versos que te fiz* e V. *Num postal*. Segue-se *Les nuits d'été*, op.7 de Hector Berlioz (1803-1869), ciclo de 6 canções, composto entre 1840-1841, fazendo uso de poemas do livro *La Comédie de la mort* (1838) do amigo e vizinho Théophile Gautier (1811-1872). Originalmente escritas para voz e piano, a primeira canção viria a ser orquestrada em 1843 e as restantes cinco em 1856. O título do ciclo, de autoria do compositor, não remete para nenhum poema específico antes parece ser uma homenagem a Shakespeare, e à sua peça *Sonho de uma noite de Verão*. Verdadeiro ciclo emocional (ainda que não obedeça a nenhuma narrativa), amor, inocência,

abandono, desejo, remorsos e paixão conduzem o ouvinte ao longo de um poderoso arco lírico, embalado por afetuosas harmonias, que descreve magistralmente o pulsar dos poemas. Por último, a *Sinfonia n.º 8*, op.93, de Ludwig van Beethoven (1770-1827). Escrita entre abril e outubro de 1812, trata-se de uma obra a todos os níveis impar. Aparentemente conservadora e bem-humorada, com um ligeiro toque italiano, dada aos sucessivos contornos melódicos que apresenta, trata-se, na realidade, de uma sinfonia estruturalmente radical, onde a invenção harmónica, rítmica e tímbrica, se sobrepõe a qualquer lampejo de intensidade expressiva. Ao longo dos seus concisos 4 andamentos, ostinatos rítmicos, acordes curtos, silêncios inesperados, explosões dinâmicas seguidas de forte contenção, sinuosas linhas orquestrais que parecem querer rasgar o contraponto, diálogos suspensos, repetições incongruentes, fazem da *Sinfonia n.º 8* de Beethoven uma explosão de criatividade sem precedentes.



# SÉRGIO CAROLINO & ENSEMBLE DARCOS

Sérgio Carolino / tuba  
ENSEMBLE DARCOS

**17 NOVEMBRO** / sexta-feira / 21h30  
AUDITÓRIO DO CAC, Torres Vedras

**18 NOVEMBRO** / sábado / 19h00  
Música na Universidade  
ANFITEATRO CHIMICO  
Museu Nacional de História Natural  
e da Ciência, Lisboa

**T. Marques** (n. 1963)

*This is not a Tuba*  
grande concerto para tuba solo  
- estreia absoluta -

**D. Schvetz** (n. 1978)

*I. Moderato Tangabile*  
*II. Breve Monólogo*  
*III. Pirilampo assim*

**Anne Victorino D'Almeida** (n. 1978)

Quinteto para Tuba e Cordas  
- estreia absoluta -  
encomenda Ensemble Darcos

**E. Elgar** (1857 - 1934)

Quarteto de cordas em Mi menor,  
op. 83  
*I. Allegro moderato*  
*II. Piacetevole (poco Andante)*  
*III. Allegro molto*

Patenteada em 1835 por Wilhelm Wieprecht (1802-1872) e Johann Moritz (1777-1840), a tuba é um instrumento extremamente versátil e o seu âmbito de timbres e de dinâmicas absolutamente notável. Só muito recentemente tem vindo a chamar atenção para as suas potencialidades, sendo alvo de atenção redobrada por parte dos compositores contemporâneos que vêm na tuba, justamente, um dos instrumentos mais eloquentes do universo musical. Não será despiendo afirmar que Sérgio Carolino tem sido um dos seus maiores paladinos. Reconhecido internacionalmente como virtuoso da tuba, não só desenvolveu um domínio técnico absoluto, como encetou uma carreira assente no princípio da versatilidade e cruzamento de estilos. *This is not a Tuba* é o sugestivo nome do concerto para tuba solo de Telmo Marques (n. 1963), em estreia absoluta. Natural do Porto e doutorado em Computer Music pela Universidade Católica Portuguesa, Telmo Marques há muito que desenvolve uma estreita parceria com Sérgio Carolino, dando

origem a uma série de obras em que a tuba assume um papel preponderante. Radicado em Portugal desde 1990, Daniel Schvetz (n. 1955) tem-se notabilizado por uma acção pedagógica notável e por um corpus musical diversificado e apelativo. As 3 peças, adaptadas para tuba e quarteto de cordas, inspiram-se no tango da sua Argentina natal. Também em estreia absoluta, encomenda do Ensemble Darcos, o *Quinteto* de Anne Victorino D'Almeida (n. 1978) foi escrito em estreita colaboração com o solista. Reconhecida além-fronteiras pelo seu estilo eclético, é uma das compositoras portuguesas mais prolíferas da sua geração. Num registo diferente, o *Quarteto op.83* faz parte de um conjunto de obras compostas em simultâneo, entre 1917-1919, por Sir Edward Elgar (1857-1934). Concluído após o Armistício da I Guerra Mundial, pressente-se em cada um dos seus 3 andamentos uma ânsia atribulada, um desalento esperançoso, travestidos de um lirismo ultra-romântico de pendor idílico que caracteriza boa parte do discurso musical do compositor.



## NAS ASAS DO INDEFINIDO

Jazz, canções originais, fado e clássicos ocidentais

**8 DEZEMBRO** / sexta-feira / 21h30  
TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

**9 DEZEMBRO** / sábado / 21h30  
CINE-TEATRO DE ALCOBAÇA

Maria Mendes

**voz**

Nuno Côrte-Real

**direção musical e sintetizador**

ENSEMBLE DARCOS

No aclamado filme de Wim Wenders, *As Asas do Desejo*, um anjo abdica da sua imortalidade perante uma paixão que o consome. Neste conflito entre o divino e o efémero, a eternidade e a vida, a acção desenrola-se numa cidade de Berlim, ainda dividida por um muro, mergulhada numa atmosfera elegíaca. Parafraseando este filme, o concerto *Nas Asas do Indefinido* apresenta um benévolo conflito entre jazz, fado, canções originais e clássicos da cultura ocidental, uma fábula musical envolvente onde a multiplicidade de caminhos conduz o ouvinte não à chegada mas à partida, num depurar da essência do que é a música. Há muito radicada em Roterdão, Maria Mendes é uma das vozes mais aclamadas do jazz europeu, destacando-se por fazer da língua portuguesa o seu principal veículo de expressão musical. Sendo a única artista portuguesa no feminino a receber uma indicação ao Grammy Americano, em 2020 venceu o prestigiado EDISON Jazz Awards, bem como uma indicação ao Grammy Latino. A sua recente incursão pelo fado, demonstra qualidades caleidoscópicas, secundadas por Côrte-Real e o Ensemble Darcos, numa expectável cumplicidade entre dois músicos que têm marcado o seu percurso musical por um olhar inquiridor e descomplexado, explosivo na forma como cruzam estilos e universos sonoros. *Nas Asas do Indefinido* tem como motivo unificador o tema do 1º andamento do trio op.97 de Beethoven (1770-1827), uma *idée fixe* que, ao contrário da canónica definição, estabelece pontes etéreas por onde todos somos convidados a circular. Se a obra de Wenders pauta-se por um estático preto-e-branco, quase a raiar a distopia, são os matizes cromáticos de cada uma das peças convocadas neste concerto que se sobrepõem, qual composição feérica e utópica. Como escreveu Fernando Pessoa “O sonho é ver formas invisíveis / da distância imprecisa, e, com sensíveis / movimentos da esperança e da vontade (...)”.



Alto do Ameal - EN 8 Km 52  
2565-641 RAMALHAL - TORRES VEDRAS  
Tel.: 261 910 370 - Fax: 261 910 371  
E-mail: barraqueiro.oeste@rodest.pt - www.barraqueiro-oeste.pt



## ARTE SEM LIMITES

Workshop musical para portadores de deficiência visual e amblíopes

21 e 22 OUTUBRO

ESPAÇO DARCOS, Torres Vedras

Novo interface de leitura de música para cegos e amblíopes baseado na ecolocalização, permitindo a improvisação e a música de câmara

*Arte sem Limites* é um projeto inclusivo que combina tecnologia, música e ecolocalização – capacidade biológica de localização através de sons –, permitindo a um utilizador com capacidades visuais reduzidas (cegos e amblíopes), realizar uma performance ao vivo sem utilizar as mãos para uma preparação prévia (sem partitura). Criado pelo saxofonista Rodrigo Lima, o funcionamento consiste num interface conectado a um dispositivo com auriculares ligado a um microfone, que através de cliques da boca emitidos pelo utilizador, lhe permite “ler” uma partitura utilizando a ecolocalização humana. O dispositivo com auriculares ligado a um microfone permite ao utilizador emitir cliques com a boca para receber um *feedback* do espaço envolvente criado artificialmente; a distância criada eletronicamente entre o utilizador e esse espaço é convertida num código acordado previamente. Para o projeto *Eco-Musica*, essa distância/reverberação, criada pelo interface, será convertida em acordes, notas e ritmo. Na prática, este interface permite a um

utilizador, após uma breve explicação do funcionamento da tecnologia, poder executar uma partitura, sem necessitar de a estudar previamente, tal como se fosse uma “leitura à primeira vista”. O utilizador pode intervir quando entender usando apenas os cliques da boca para poder reconhecer o local correto na partitura virtual e interagir com os outros músicos em tempo real. Esta tecnologia não pretende substituir Braille ou qualquer outra ferramenta de leitura para invisuais, mas sim complementá-las com a possibilidade de criar e interagir com os outros no mundo particular da música. *Eco-Musica* conta com três músicos profissionais que coordenarão o trabalho de leitura e ensaio com cada utilizador invisual, cada um interpretando uma composição diferente, sendo apresentada no final uma audição com todos os utilizadores, onde estes, em conjunto com os profissionais, poderão exibir o seu talento musical utilizando a ecolocalização humana com o suporte do interface.

Rodrigo Lima  
**saxofones e conceção artística/  
programação**

João Dias  
**percussão e sintetizador**

José Grossinho  
**guitarra e eletrónica**

# 2023



Em **2023** a **Égide** está ainda mais activa, apoiando diversos festivais e concertos.

De **Março a Dezembro**, levamos a cultura musical de norte a sul do país, incluindo os Açores.

## Março

**SEFARAD PROJECT**  
Centro Cultural de Belém

## Abril

**SEFARAD PROJECT**  
Cabrela - Alentejo

## Junho e Julho

**CISTERMÚSICA**  
Alcobaça

## Agosto

**FESTIVAL SONS COM HISTÓRIA**  
Castelo de Vide

**DIÁLOGOS IMATERIAIS DE CABRELA**  
Fado, Cante Alentejano e Flamenco

## Setembro

**FESTIVAL INTERNACIONAL DOS AÇORES**

**FESTIVAL DE ÓPERA DE ÓBIDOS**  
*Carmen*  
*A Voz Humana*  
*La Serva Padrona*

**CARMEN**  
Santa Maria da Feira e Lisboa

## Outubro

**ALGARVE MUSIC SERIES**  
Faro e Loulé

## Dezembro

**GRANDE GALA DE ÓPERA**  
Centro Cultural de Belém

*Mantenha-se a par das nossas produções.*

Siga-nos em   



[egideartes.pt](http://egideartes.pt)

## MASTER CLASSES

**24 e 25 ABRIL**  
ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA  
Vicente Alberola  
**clarinete**

**19, 20 e 21 JUNHO**  
CONSERVATÓRIO NACIONAL DE LISBOA  
Lara Martins  
**canto teatro musical**

**4 e 5 SETEMBRO**  
CONSERVATÓRIO NACIONAL DE LISBOA  
Telmo Costa  
**clarinete**

**13 e 14 NOVEMBRO**  
ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA  
Sérgio Carolino  
**tuba**

temporada 2023  
16ª edição

# DARCOS

**Direção artística**

Nuno Côrte-Real

**Consultoria**

Afonso Miranda

**Projetos especiais**

Vanessa Pires / Artway

**Textos**

José Bruto da Costa

**Produção executiva**

Bruna Moreira

**Assistente de produção**

João Barrinha

**Gestão de apoios**

Jorge Reis

**Relações públicas e assessoria de imprensa**

Débora Pereira

**Contabilidade**

Luís Silvestre

**Imagem gráfica**

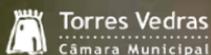
Olga Moreira

a partir de fotografias de Jorge Carmona

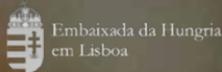
**Comunicação e imagem**

Câmara Municipal de Torres Vedras

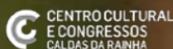
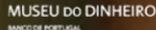
ORGANIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIROS



MECENAS



APOIO À COMUNICAÇÃO

